

## PODER E SUJEIÇÃO: A SUPERSTIÇÃO COMO INSTRUMENTO DE RENDIÇÃO

VALTERLAN TOMAZ CORREIA \*

*Como a superstição da alma, que,  
como superstição do sujeito e do Eu,  
ainda hoje causa danos [...].*

NIETZSCHE  
(PRÓLOGO DE *ALÉM DO BEM E DO MAL*)

**B**em sabemos que a esperança e o medo<sup>1</sup> são afetos naturais intrínsecos a todos os homens. E, embora sendo evidente, não podemos deixar de identificar uma forte tendência e apropriação, que fazem desses dois sentimentos duas principais ferramentas usadas pela cultura da opressão e conseqüentemente da tristeza, tornando-os quase que fabricados. Desse modo, no âmbito social, elas trazem consigo implicações relevantes no campo da ética e da política. Por isso mesmo, não é sem razão que Spinoza chega a dizer, logo no prefácio de seu *Tratado Teológico-Político*, que os homens “estão sempre prontos a acreditar seja no que for: se tem dúvidas, deixam-se levar com a maior das facilidades para aqui ou para ali; se hesitam, sobressaltados pela esperança e pelo medo simultaneamente, ainda é pior [...]” (TTPpref.). Em outro momento, nesse mesmo prefácio, fazendo alusão a Cúrcio, o holandês diz também que “não há nada mais eficaz do que a superstição para governar as multidões.” (Ibidem).

Homero Santiago, estudioso do pensamento de Spinoza e professor na Universidade de São Paulo, nos chama à atenção para algo muito interessante a respeito dessa questão, que de certa maneira se liga a outras, tais como: ignorância, finalidade, bem e mal, livre-arbítrio, interesse, obediência, etc. Trata-se de uma correlação destes com a superstição, o que amplia

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e membro do GT Benedictus de Spinoza atuando no Projeto de Pesquisa A questão da liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza.

1 Para Spinoza medo e esperança juntos formam a superstição, uma vez que o homem oscila sempre entre um e outro, gerando todo tipo de superstições.

o horizonte investigativo, facilitando assim, a compreensão geral de seu verdadeiro e único propósito, a saber, deixar o homem numa certa posição em que lhe seja permitido apenas render-se (servidão), aceitando uma condição miserável e esperando pela salvação que virá de algum modo, em algum tempo e em algum lugar para além desse que existe. Homero nos diz em certo tom de imprescindibilidade o seguinte:

Devemos falar em superstição, naquele sentido forte invocado atrás, desde o momento em que se dá a extrapolação da moralidade inicialmente surgida entre os homens para o mundo, os céus e os próprios deuses, os quais se tornam o fiel transcendente da nova balança moral. Fixando assim o fundamento da vida neste mundo num outro mundo, ergue-se aos homens um panorama nada auspicioso, assombrado pela permanência do imperativo de ajustar a sua conduta e o seu próprio ser a um código rígido. [...] a superstição é toda uma vida, uma vida que se deve viver e um dever de vivê-la cuja observância maior ou menor decide sem apelação a nossa sorte. (SANTIAGO, 2009, p. 186).

Com efeito, essa orientação é importante em pelo menos dois aspectos. O primeiro é justamente buscar compreender e conseqüentemente combater a imposição moral na medida em que ela excede os limites do bom senso, levando em consideração que a superstição faz, com demasiada sutileza, com que os homens “combatam pela servidão como se fosse pela salvação.” (TTPpref.). A superstição cria no homem opiniões (ideias) falsas que comprometem toda uma vida, ou como disse Nietzsche num certo momento: “[...] juízos falsos equivale a renunciar à vida, negar à vida” (NIETZSCHE, 2005, p. 11). E isso é grave, é funesto.

Em segundo lugar, não menos importante que o primeiro, é como se livrar da superstição e se tornar senhor de si próprio? É possível? Se sim, em que medida? Geralmente, a ignorância,

a ganância e os preconceitos são os maiores empecilhos no que diz respeito a desvencilhar o homem do poder supersticioso que o torna subserviente ou incapaz de compreender o mundo real por aquilo que lhe corresponde, pois “os homens são conduzidos mais pelo desejo cego do que pela razão.” Mas que desejos cegos são esses? E se pensarmos nesses desejos cegos como desejos induzidos de fora para dentro, isto é, da cultura para o homem (TP 2/5). Mais uma vez, voltemos a Homero:

Com a superstição, os próprios desejos humanos e todo esforço que os subjaz são sacrificados em prol dos desejos divinos; o dever é cultivar e agradar ao mesmo mestre e dirigente do mundo; vida presente torna-se menos importante que os ganhos futuros possíveis (já que se criou um mundo transcendente, o além dos dirigentes da natureza, bastará determinar a vida eterna nesse além). Por uma inversão perversa, mas de forma alguma incompreensível, o que se conseguiu foi o oposto do que se queria. A realização de um desejo de liberdade foi a descoberta de um comandante; o preço da ilusão do livre-arbítrio será a servidão. A piedade – imperativo maior desse novo universo – é a anulação do desejo, ou então, em termos mais exatos, é a obrigação de desejar-se o desejo de outro: o homem deve desejar o objeto do desejo divino, o qual assim desejou que fossem as coisas. Como dito há pouco, no que concerne mais diretamente ao homem, a superstição é um modelo de vida; é toda uma vida que passa a ser vivida, tristemente, conforme é desejada por um desejo alheio. (SANTIAGO, 2009, p. 187).

Ora, a superstição faz criar um mundo de fábulas que devido a tanto sofrimento, tristeza e incertezas se deseja tê-lo, ou podemos pensar também de uma maneira diferente, mas mantendo o mesmo sentido, que a dor, o desespero, a imposição e outras coisas semelhantes levam os homens a se afastarem do mundo real em direção ao que seria o mundo ideal de alívio e delícias, como foi no período de Moisés em busca da terra prometida, um lugar que se localizava logo depois do Jordão.<sup>2</sup> Mas que também se imaginou para além deste, isto é, uma terra fora dessa terra, um lugar perfeito de pessoas perfeitas, isso seria, nos parece, o ponto central da religião. Assim, a imaginação flui a fim de aliviar os males da vida, todas as desgraças sobrevindas e que não se sabe seu real motivo. Isto porque muitas vicissitudes poderiam

2 Cf. Deuteronômio 31:1-2.

ser resolvidas na criação de uma terra perfeita (céu, paraíso, a nova Jerusalém).

Outra passagem bíblica muito importante encontra-se no livro de Números capítulo 20,<sup>3</sup> pois ele mostra que o povo estava sofrendo de escassez de água e diante desse fato, Moisés é pressionado pelo povo e forçado a descumprir uma ordem direta de Deus. Ora, é nesse episódio que Moisés fere uma rocha e obtém água em abundância, porém isso nos leva a outra questão, a desobediência e a descrença dele suscitaram a ira de Deus a ponto de proibir todo aquele povo, juntamente com Moisés e Arão, seu irmão, de estarem na terra prometida. Entretanto, a terra que Moisés, Arão e todo aquele povo os quais receberam a promessa de entrar, mas que não entraram, até onde sabemos, era uma terra geograficamente existente, como nos mostra a Bíblia, “passando o Jordão” (Dt 30:18). Veja ainda o que diz o livro de Êxodo:

Disse ainda o Senhor: Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, ouvi o seu clamor por causa dos exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu. Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. (Êx 3:7-9).

Ora, quem viu a aflição dos hebreus, senão Moisés e Arão? Pois estes de fato estavam lá. Que terra prometida era essa senão aquela cruzando o Jordão, aquela “terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu”? Era uma terra de homens vivos, uma terra fértil e agradável, que oferecida para homens escravos os deixou entusiasmados, a ponto de seguirem quem quer que fosse rumo a ela. Era uma terra possível de ser alcançada, mas para tanto, era preciso seguir alguém que tivesse o conhecimento geográfico, político, cultural, etc., os meios necessários para se chegar a essa terra, e, em estando nela, fazer morada. E não era Moisés um homem instruído, capaz de levá-los para além do Jordão? Certamente que sim.

3 Usamos as abreviaturas Sl para indicar Salmos, Lv para indicar Levíticos, Dt para Deuteronômio, Êx para indicar Êxodo, seguida de capítulo e versículo (s). (Bíblia de estudo de genebra, 2009 – índice geral).

Diante dessa situação, podemos pensar em várias outras passagens bíblicas onde isso ocorre de diversas maneiras. Pois é devido à incompreensão diante das agruras, das necessidades e da falta de sentido da vida que o homem busca amparo em qualquer coisa ou em alguém que lhe possibilite salvação. Não aceitar ou não entender que para além do Jordão é a terra prometida, é abrir mão do que se tem ou do que existe em virtude de algo ou alguma coisa que está, supõe-se, depois da morte. Dessa forma, como observou André Martins:

Se esperamos um mundo ideal, se julgamos que a verdade está em outro mundo, se idealizamos as coisas e queremos lhes impor um julgamento moral, somente encontraremos desprazer nas coisas reais, e delas somente tiraremos insatisfação e sofrimento [...]. (MARTINS, 2009, p. XII).

Esse mundo ideal, da maneira que é colocado, só existe no campo da imaginação, da utopia ou do delírio, e isso se dá justamente porque se estranha o mundo onde se vive, isto é, esse mundo real e incompreensível, mas também perfeito, o qual já está dado. O grande problema, talvez, seja a relativização que os homens fazem de bem e mal, justiça e injustiça, beleza e feiúra, etc. Eles estão envolvidos pela superstição que confunde as coisas pelo fato da imaginação mover o político e todos os outros campos, pois nos parece que de um jeito ou de outro tudo se liga a ele. Sobre esse aspecto, veja o que diz Ana Luiza Saramago em sua obra intitulada *A imaginação no poder: Obediência política e servidão em Espinosa*.

[...] Imersos em ideias mutiladas e confusas, conclusões sem premissas, afetados por paixões e mergulhados na passividade, é na imaginação que se constitui o campo político. A política está inexoravelmente mergulhada na imaginação, e as paixões são seu substrato necessário. Superstição, medos, ódios, amores servis, tristezas, delírios coletivos, o que de pior nos torna humanos – nada disso pode ser desprezado ao se pensar o político. [...] A política, nosso filósofo afirma, não é o campo de teorias racionais ou de elucubrações filosófica, mas da experiência bruta dos conflitos, das paixões e da imaginação. (STERN, 2016, pp. 20-21).

Diante disso, o homem se torna cada vez mais vítima dessa superstição e quando essa passa a ser um “trunfo” nas mãos de muitos políticos e líderes religiosos ou, por vezes, uma

debilidade da própria pessoa devido a ignorância que persiste, esta vem a sucumbir ora pelo medo, ora pela esperança. Medo de que muitas desgraças possam lhes sobrevir, de que coisas possam lhes ser tiradas e de que muitos lhes façam injustiça, etc.

Por outro lado, esses indivíduos também acreditam ou sonham que mal algum lhes sobrevirá, pois pensam estarem protegidos por um ser divino e de que são especiais diante de um soberano, ou ainda, pensam eles que são queridos de algum político que lhes preservará e beneficiará em algo. Como podemos ler no livro de Salmos: “Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração.” (Sl 90:1). E no Salmo seguinte: “Caíam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita; tu não serás atingido [...]” (Sl 91:7). Esse último, de tão repetido que é, já se tornou um amuleto abertos nas estantes das casas das pessoas. Ou ainda, como está no livro de Levítico: “Mas se ouvirdes e não cumprirdes todos estes mandamentos [...] então, eu vos farei isto: porei sobre vós terror.” (Lv 26:14-16).<sup>4</sup> É importante perceber que aqui religião e política é uma e mesma coisa. Sendo assim, resolvem-se os problemas desse mundo saindo dele, ou esperando por outro mundo que virá depois da morte.

Ora, medo e esperança dominam os homens, pois são usados para manipular, amedrontar, enganar, distrair, acalmar os ânimos, impedir as pessoas de raciocinarem adequadamente, ainda que se diga que alguns agem de boa fé, por amor, porém são apenas interesses. E como bem disse Maquiavel em sua obra *O Príncipe*: “É da natureza dos homens deixar-se cativar tanto pelos benefícios feitos como pelos recebidos.” (MACHIAVELLI, 1996, p. 51). O homem é, naturalmente, movido pelas paixões e, como nos ensina Spinoza, “a maioria dos homens se ignoram a si próprios.” (TTPpref.).

É bem verdade que a maior parte dos indivíduos acreditam piamente em algo que lhes disseram. Com suas percepções limitadas, pensam ter conseguido atingir o objeto de seus anseios, quando nem sabem se este ao menos existe. Entretanto, sonham e esperam, pois as dificuldades que lhes sobrevêm não os permitem fixar plenamente a confiança no que desejam, de

<sup>4</sup> Usamos as abreviaturas Sl para indicar Salmos e de Lv para indicar Levíticos, seguida de capítulo e versículo (s). Bíblia de estudo de genebra, 2009, pp. 177-178 e 757-758.

modo que oscilam entre várias paixões. Porém, muitos acreditam ser necessário o sofrimento para que possa lograr êxito, ou se desejar, a salvação. Spinoza afirma que se os homens “estão na adversidade, já não sabem para onde se virar, suplicam o conselho de quem quer que seja e não há nada que se lhes diga, por mais frívolo, absurdo ou inútil, que eles não sigam.” (TTPpref.). E por isso mesmo se perdem em devaneios. E diz mais o filósofo:

Depois, sempre por motivos insignificantes voltam de novo a esperar melhores dias ou a temer desgraças ainda piores. Se acontece, quando estão com medo, qualquer coisa que lhes faz lembrar um bem ou um mal porque já passaram, julgam que é o prenúncio da felicidade ou da infelicidade e chamam-lhe, por isso, um presságio favorável ou funesto, apesar de já se terem enganado centenas de vezes. (TTPpref.).

A esperança, por sua vez, parece poder levar o homem a uma espécie de salto no escuro, ao desespero mesmo, por assim dizer. Mas também a sonhar com dias melhores, com a convicção confortante de haver solucionado todos os problemas existentes numa outra vida e num outro mundo que estão por vir. A esperança vive paralelamente com o medo insano, decorrente das desgraças que assolam a humanidade, assim os homens buscam se desvencilhar da dor ou do sofrimento pela esperança, como uma válvula de escape. Steven Nadler nos diz em *Um livro forjado no inferno* que “Clérigos ávidos de poder exploram a ingenuidade dos cidadãos, aproveitando-se de suas esperanças e de seus temores em face das vicissitudes da natureza e da imprevisibilidade do destino para obter controle sobre suas crenças e suas vidas cotidianas. (NADLER, 2013, p. 53). Entretanto, esse assunto não diz respeito apenas aos Clérigos ávidos de poder, mas também aos políticos e boa parte dos homens que se constituem como importantes autoridades. Comumente, eles misturam-se entre religião e política, tendo como auxílio a superstição guiada por pressupostos morais.

Perceba o que diz Spinoza nas primeiras linhas do prefácio do *Tratado Teológico-Político*: “Se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro ou se a fortuna se lhes mostrasse sempre favorável, jamais

seriam vítimas da superstição.” (TTPpref.).<sup>5</sup> Virtude e fortuna parecem imprescindíveis para que os homens abandonem a superstição, porque são justamente as dificuldades, a falta de oportunidades ou condição, a falta de capacidade em compreender as coisas a sua volta e etc., que os levam à superstição. Ora, quando as pessoas estão desprovidas de virtude e fortuna, certamente prevalecem o medo e a esperança, é preciso obedecer às exigências morais, acreditar em algo que possibilite suportar essa realidade difícil que se apresenta. Porém, é preciso lembrar de que todos os homens estão sujeitos à superstição, alguns mais e outros menos.

Foi o filósofo inglês Thomas Hobbes, na primeira metade do século XVII, um dos primeiros a dar ênfase à questão do medo e conseqüentemente da superstição. Ele percebe que o homem está propenso a fazer acordos, a ceder seus direitos em prol de sua conservação. A precaução com sua vida o faz querer viver numa república, pois tem medo do que pode lhe ferir a ponto de vir a morrer, talvez seja esse o motivo dele se apegar tanto à qualquer coisa que lhe proporcione o mínimo de tranquilidade, diz ele:

Ora, o medo das coisas invisíveis, quando amputada da razão, constitui superstição. Assim, era quase impossível que os homens, sem uma assistência especial de Deus, conseguissem evitar os escolhos tanto do ateísmo quanto da superstição. Pois esta procede do medo, a que falta a razão reta; e aquele resulta de uma opinião da razão reta, quando lhe falta o medo. (HOBBS, 2002, p. 261).

De fato, quando se amputa a razão, passa-se a interpretar as coisas que compreendemos superficialmente como verdadeiras. Nesse sentido, segundo Hobbes, nos parece que Deus toma o lugar da reta razão e é ao mesmo tempo uma fonte de temor para o homem, resolvendo a questão divinamente. No entanto, o Deus que veio para solucionar o problema do medo é

<sup>5</sup> É bem provável que Spinoza tenha se aproximado de Maquiavel quanto aos conceitos de virtude (*virtù*) e de fortuna (fortuna). Vejamos os seus respectivos significados: “[...] a *virtù* tem aqui um significado bastante próximo de *virtus*, do latim clássico. Por ser um termo de interpretação polêmica e variada, preferiu-se mantê-lo no original. O adjetivo correspondente a ele foi traduzido por valoroso. *Fortuna* é outro termo-chave em Maquiavel. O conceito é fundamental na filosofia epicurista, difundida no *Quattrocento* italiano por Lorenzo Valla.” (MACHIAVELLI, 1996, p. 158).

uma divindade transcendente a qual o homem atribui características de sua própria natureza, como por exemplo, a ira, o desejo de vingança, a inveja, a glória, a piedade. Sendo assim, ele é temido e seu desejo deve ser respeitado, nesse contexto o homem cai novamente na superstição, pois quer antes de tudo agradar aquele que pode lhe favorecer. Dessa forma, o homem se torna esperançoso.

Spinoza parte de Hobbes, isto é, ele retoma o medo, fortemente abordado pelo inglês, agrega a esperança e deles nasce o conceito de superstição, essa que submerge a todos os homens e os faz oscilar é demasiadamente eficaz. Ele busca, a partir de um conhecimento adequado, eliminar o quanto pode a superstição, evitando a interpretação equivocada daquilo que é desconhecido. Porém, é um grande desafio pensar diferente da cultura preponderante. Vejamos o que diz Spinoza numa troca de correspondência onde ele dá enfoque à superstição:

[...] por que desejais, pois, que eu creia que minhas demonstrações foram inspiradas pelo Príncipe dos Espíritos malignos e as vossas, por Deus? Quando eu vejo, sobretudo (e vossa carta o mostra claramente), que, se vós sois escravo dessa igreja, não é tanto o amor de Deus que vos impele, mas o medo do inferno, a única causa da superstição. Vossa humildade é, portanto, tão grande que, desprovido de toda confiança em vós mesmos, vós vos apoiáis inteiramente em outros? Mas esses outros, eles também, têm adversários que os condenam. Acusar-me-eis de arrogância e orgulho porque uso a razão e me ateio nesse verdadeiro verbo de Deus que está na alma e não pode jamais ser alterado nem corrompido? Deixai, pois, essa superstição funesta, e reconheceis a razão que Deus vos deu; cultivai-a se não quereis vos alinhar entre os brutos. Cessai, repito-o, de chamar mistério a erros absurdos, e de confundir lastimavelmente o desconhecido, o não conhecido ainda, com crenças cujo absurdo está demonstrado [...]. (E76).

Foi o medo que fez com que Adão, personagem bíblico notório, fugisse e se escondesse por temor. Vejam como está relatado no livro de Gênesis, quando Adão dirigindo-se a Deus, fala: “Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi.” (Gn 3:10). O medo é real porque é uma perturbação constante da mente que pode levar o homem ora a uma ação e ora a inércia. E, por isso mesmo, ele também traz em si a possibilidade de uma vida

de servidão e dependência. Sobretudo, porque é: “uma tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida [...]” (E3Def13). O medo é, então, resume Spinoza: “[...] desespero.” (E3P18S2).

Ora, tanto o medo quanto a esperança fazem surgir todo tipo de superstição e, por isso mesmo, eles não podem ser bons. Notem nas palavras do pensador: “Os afetos da esperança e do medo não podem ser, por si mesmos, bons.” (E4P47). Que é o mesmo que dizer que a superstição não é boa, mas o grande problema é que “todos os homens lhe estão naturalmente sujeitos [...]” (TTPpref.). Ora, mas se a superstição não é boa e todos estão sujeitos a ela, como resolver esse dilema? Spinoza busca uma solução ao mesmo tempo simples e complexa, a saber, o conhecimento das causas, isto é, conhecer a estrutura de Deus ou a Natureza. Assim, entender-se-á adequadamente as coisas tanto em sua essência quanto em sua existência, uma vez que elas não se separam na visão do filósofo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOBBS, Thomas. **Do Cidadão.** Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARTINS, André. **O mais potente dos afetos: Spinoza & Nietzsche.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MICHIARELLI, Nicolás. **O Príncipe.** Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NADLER, Steven. **Um livro forjado no inferno: o tratado escandaloso de Espinosa e o nascimento da era secular.** Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Homero. *A negação da ordem moral do mundo (er leugnet die sittliche Weltordnung) – Superstição e a ordem moral do mundo.* In: MARTINS, André (org.). **O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche.** São Paulo: Martins Fontes, 2009, cap. 4, pp. 186-187.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de Estudo de Genebra.** São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Político.** Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Teológico-Político.** Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

STERN, Ana Luiza Saramago. **A imaginação no poder: obediência política e servidão em Espinosa.** Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2016.

